

DA REPRESENTAÇÃO À AUTOREPRESENTAÇÃO DE CORPOS CIGANOS NA LITERATURA

FROM REPRESENTATION TO SELF-REPRESENTATION OF ROMÀ BODIES IN LITERATURE

Lorena Oliveira Tavares¹

RESUMO: Este artigo se propõe a refletir acerca do livro "*El aliento negro de los romaníes*", de Jorge Nedich (2005), com o objetivo de mostrar que os *romà* podem e devem representar-se. A inquietação que levou a esta produção foi o desejo de contribuir para retirá-los do constante lugar de invisibilidade. Os autores que contribuíram e deram suporte teórico para realização deste estudo foram Fonseca (1996); Bernd (1994); Silva (2018) e Sória (2015). A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e bibliográfico. Os resultados mostram que embora a narrativa de Nedich não ofereça uma representação perfeitamente delineada do que é ser *romà* nos dias de hoje, contribui significativamente no tocante à visibilidade do povo e propõe uma alternativa identitária em um espaço múltiplo e em construção permanente.

Palavras-chave: *El aliento negro de los romaníes*; Representação *romà*; Literatura cigana.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the book "*El aliento negro de los romaníes*", by Jorge Nedich (2005), with the aim of showing that the *romà* can and should be represented. The restlessness that led to this production was the desire to contribute to removing them from the constant place of invisibility. The authors who contributed and gave theoretical support for this study were Fonseca (1996); Bernd (1994); Silva (2018) and Sória (2015). The methodology used was basic and bibliographic. The results show that although Nedich's narrative does not offer a perfectly delineated representation of what is to be *romà* these days, contributes significantly to the visibility of the people and proposes an identity alternative in a multiple space and in permanent construction.

Keywords: *El aliento negro de los romaníes*; *Romà* representation; Gypsy literature.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da palestra de mesmo nome, apresentada na terceira edição do Seminário Leituras de África com o fito de trazer a lume um autor cigano e um de seus romances, mostrando que eles próprios podem representar-se, vez que os *romà* eram e são constantemente invisibilizados. Assim sendo, tanto o evento quanto este escrito contribuem para retirá-los deste lugar, colocando-os no rol dos povos que foram silenciados, e que agora têm a possibilidade de serem ouvidos independente do lugar de fala, seja de um não-*romà*, como é o meu caso, falando de um *romà*, seja de um *romà* falando de si, como é o caso do autor Jorge Nedich, que

escreveu um romance ficcional tratando de temas nada ficcionais da vida dos romã argentinos.

A partir daqui passa-se a usar a nova denominação étnica *romã*, em substituição ao termo "cigano". Esta escolha se deu pelo fato de ser uma nomenclatura escolhida por eles, livre do preconceito envolto no epíteto "cigano", que foi cunhado por não ciganos. A origem do epíteto ainda não é um consenso entre os estudiosos; Guimaraes (2012), por exemplo, relaciona sua origem ao grego *atsingani* (não-toque, intocável) que era a forma como se referiam a eles no período bizantino. Sória (2015) defende que a origem tem relação com a associação do grupo à antiga seita herética *atsiganoi*. No entanto, independentemente da origem, é válido ressaltar que não é unânime entre eles o uso dessa nova nomenclatura, visto que alguns alegam que ela privilegia o grupo *Rom*; outros, ainda, não acreditam que um novo nome irá mudar o modo como as pessoas os tratam. Contudo, a Unión Romani Internacional (URI) resalta a importância de utilizar a nomenclatura pela qual foram reconhecidos pela Unesco em 1982 como Nação transnacional à qual a ONU concedeu caráter consultivo.

Neste estudo, analisou-se o romance contemporâneo *El aliento negro de los romaníes*, que é uma obra de 2005, interpretando como o povo *romã* e sua cultura são narrados neste texto literário, pois entende-se que discutir a literatura romani pode ser uma maneira eficaz de compreender a construção dos estereótipos em torno do povo *romã* e trazer visibilidade pra eles e para a literatura escrita por eles.

Nedich conta a história do livro ficcionalizando elementos tanto da própria vivência quanto da vida de seus antepassados, porque ele é de origem *romã*, nasceu na zona sul de Buenos Aires, em Sarnadí, Argentina, em 1959 e viveu como nômade até os 17 anos. Tentou cursar a escola primária várias vezes, mas nunca dava continuidade porque não passava seis anos em um mesmo local.

Desde muito pequeno vendia naftalina, agulhas e outras coisas pelas ruas, além de lustrar sapatos, porque eram muito pobres. Ele aprendeu a ler nas histórias das revistas antigas que vendia nos trens. Aos 39 anos, com a *Lei Duhalde* (que dava direito a pessoas que não haviam frequentado a escola a fazerem uma prova para ingressarem na universidade), foi aprovado na *Universidad Nacional de Lomas de*

Zamora e antes de completar dois anos cursando Letras, foi finalista do Prêmio Planeta, em 1999, com o romance *Leyenda gitana*, publicado em 2000.

Contudo, essa não foi a sua primeira publicação. Já publicara *Gitanos, para su bien o para su mal* (1994) e *Ursari* (1997). Em 2014, com 13 livros publicados (traduzidos para o português, romaní e italiano), fundou sua própria editora, Voria Stevanofsky, na qual reeditou *El aliento negro de los romaníes*, romance que foi finalista do Prêmio Planeta em 2004. Muitas dessas informações sobre a vida de Nedich têm estreita relação com a escrita do romance em análise.

2.A REPRESENTAÇÃO DO POVO ROMÀ A PARTIR DE UMA OBRA FICCIONAL

Então, ele é um *rom* (cigano) que decidiu se representar e ao seu povo, mesclando o ficcional com o não ficcional, trazendo à tona fatos que foram “esquecidos” pela história oficial dos diversos povos, dando destaque às manipulações conscientes ou inconscientes do coletivo, pois “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (Le Goff, 2003 p. 422).

Dessa maneira, o autor acaba revelando muito de si e de sua vida, possuindo traços que, se investigados mais detidamente, podem inclusive ser comprovados, como é o caso da queima das barracas retratadas no romance:

Durante o sono, o calor dos colchões de pena de ganso se fez mais intenso, muito intenso, como um inferno. Logo, uma gritaria ensurdecadora o despertou em alerta: ante seus olhos tudo ardia como na época da Santa Inquisição. Ardia a mesa com sua bola de cristal, a seguinte com a borra de café; as cartas se incineraram com o destino escrito, as figuras bíblicas. Essa noite, os fantasmas temerosos se esconderam do fogo e o campo milagroso ardia sem compaixão (NEDICH, 2005, p. 70, livre tradução).

O fragmento faz referência ao que aconteceu na Argentina nos idos de 1946, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, onde morreram

[...] segundo as estimativas mais conservadoras, entre 220 mil e 500 mil ciganos. Estimativas posteriores dizem que foram 1.500.000. Qualquer que seja a cifra, foram muitos os ciganos que morreram. A política de perseguição e extermínio do povo cigano reinava em todo o mundo, não somente na Argentina (LÓPEZ OCÓN, 2018, livre tradução).

E esse foi um acontecimento sentido diretamente pela família de Nedich. Ele relata em entrevista ao jornal *Tiempo Argentino* que seu bisavô Bobia estava em uma dessas barracas e que teria se negado a sair da sua. Então, atearam fogo com ele dentro, o que o levou à morte.

Segundo Nedich, isso afetou muito o seu avô, de modo que quando Perón voltou ao governo, em 1973, ele teve um infarto, pois tinha medo de que voltassem as perseguições e mais alguém da sua família morresse.

Nessa entrevista, Nedich conta também que em seu primeiro mandato, Perón exigiu que os *romà* vivessem em casas e que se desfizessem de suas vestimentas típicas, bem como de sua língua. Os que puderam comprar uma casa, o fizeram, outros, se mudaram da província, e muitos nem souberam do que acontecia porque estavam afastados da capital, onde se exigia a execução das medidas.

De acordo com Nedich, seu avô Tete, o filho do citado Bobia, comprou um terreno e começou a construir uma casa; mas seu terror era tanto, que mesmo dentro da casa não permitia que nenhum dos seus se vestisse como *romà*, todos tinham que ficar disfarçados de não-*romà*.

Naquela época, havia muitos *romà* ocupando a região que hoje é conhecida como *La Recoleta*, bairro mais luxuoso da capital Buenos Aires, da qual foram expulsos.

Tais políticas continuaram nos anos 1960 porque foram os militares quem as implementaram. Nesse período, Nedich diz que sua mãe e irmã foram presas porque a mendicância estava proibida.

Mas, segundo ele, elas não estavam mendigando, e sim vendendo. Sua mãe foi posta na cadeia e sua irmã colocada em um orfanato, de onde só saíram após pagarem um advogado para tirá-las. Queriam colocar sua irmã para a adoção, pois, de acordo com os governantes, não era justo que uma criança tivesse que vender

nas ruas para sobreviver; como acontece muito ainda hoje em vários países europeus. A Itália é um exemplo, onde as crianças são tiradas dos *romà* e colocadas para adoção sem a permissão de seus pais (LÓPEZ OCÓN, 2018).

Na referida entrevista ao jornal *Tiempo Argentino*, Nedich diz que quando mulheres *romà* vão ao hospital, muitas vezes são esterilizadas² sem o seu consentimento, a fim de não seguirem procriando, ou seja, os tão conhecidos Direitos Humanos não são aplicados aos *romà*. Nas palavras de Nedich: “Ainda não somos sujeitos de direito³”. Essa conduta de esterilização é antiga.

Já em 1970 era muito comum, tanto que os *romà* de Sliven (cidade da Bulgária) recusavam ser vacinados por medo de que a inoculação esterilizasse seus bebês, mesmo com a taxa de mortalidade infantil altíssima, de 23 para cada 100 nascimentos (FONSECA, 1996). À época da Segunda Guerra Mundial, na Eslováquia Oriental, era comum a prática de “esterilizar as mulheres ciganas durante partos sem o conhecimento delas. Medidas menos escusas continuam vigorando, inclusive o confisco de filhos dos viajores por entidades de caridade cristãs, prática que era comum na Suíça até 1973” (FONSECA, 1996, p. 268).

Talvez se pense que esses fatos estão bem distantes da realidade brasileira, no entanto, aqui na Bahia, em 1970, também houve casos parecidos, reportados pelo jornal *O Globo* e reproduzidos por Pereira (2014):

Polícia mata ciganos e queima corpos na praça / Salvador – Corpos humanos ardiam como uma pira macabra na praça central da cidadezinha, diante de uma população estupefata. As chamas se apagaram, lentamente. Um soldado da Fôrça Pública cortou a faca um pedaço do braço de umas das vítimas e gritou: - Está mal assada. Mas não interessa. Vou tomar umas batidas e já tenho o tira-gôsto. / O inacreditável massacre ocorreu no município de Malhada, na fronteira da Bahia com Minas Gerais. A cena foi assistida por cêrca de 200 moradores da pequena localidade que nunca havia visto tal demonstração de barbárie [...] (O GLOBO, 1970 apud PEREIRA, 2014, p. 101).

A maioria desses massacres começa retirando os *romà* de suas barracas, as quais se enquadram no artigo 150, parágrafo 4º do Código Penal: “A expressão ‘casa’ compreende: I – qualquer compartimento habitado; II - aposento ocupado de

habitação coletiva; III - compartimento não aberto ao público, onde alguém exerce profissão ou atividade”. E no Código Civil, artigo 73 afirma-se: “Ter-se-á por domicílio da pessoa natural, que não tenha residência habitual, o lugar onde for encontrada”. Dessa maneira, não poderiam ser violadas, porque configuram-se como domicílio, não podendo ser invadidas ou destruídas, assim como as moradias dos *gadjês*.

Porém, não é isso o que acontece. A sucessão dos fatos, a partir de então, mostra que os *romà* até os dias de hoje sofrem as consequências desses massacres premeditados, havendo vários deles envolvidos com drogas, roubos e prostituição, devido a fatores como os bairros em que são colocados, as péssimas condições de vida etc. como Fonseca (1996) mostra alguns deles na Bulgária, que estão entre os mais desagregados da Europa Oriental. Os meninos, “como a maioria das crianças de rua, são viciados em cola, e sobrevivem mendigando e roubando. / Em 1991, alguns deles, inclusive uma menina de nove anos de idade, eram prostitutas” (FONSECA, 1996, p. 133).

Essa realidade é ficcionalizada por Ortega (2015) na obra *La Zúia*, na qual o autor *rom* retrata a situação em que vivem os *romà* de Sevilha, cidade da Espanha, do polígono residencial destinado a eles, pois ele se criou nos arredores do Polígono Sul e conhece de perto como é a vida daquelas pessoas que vivem à margem de uma corrente de água suja, em um bairro criado pela classe política para povoá-lo com procedentes das classes sociais mais necessitadas.

Na orelha do livro se descreve: “Um gueto em que nascem as esperanças de centenas de pessoas que nesses anos conviveram intensamente com a pobreza, o tráfico de drogas e a violência das ruas. A zona, fechada por muros, deu lugar a um micromundo ao que o resto da sociedade deu as costas” (ORTEGA, 2015).

Contudo, embora *El aliento negro de los romaníes* aborde alguns temas trágicos e conflitivos, não chega a mostrar que os *romà* também têm um forte preconceito contra os não-*romà*, pois apenas uma vez o protagonista fala que não se pode confiar em um trato feito com um *gadjó*, um não-romà.

Talvez a omissão evidencie que o preconceito a partir da veiculação de estereótipos é uma recorrência na maior parte dos grupos sociais. Mas, apesar disso,

só os grupos dominantes conseguem discriminar e transformar o racismo em uma prática estruturante das sociedades que dominam.

Nedich salienta essa questão em uma entrevista dada ao jornal *Los Andes*: "As pesquisas nos dão 60% de discriminação, porcentagem que aceito, mas somos vítimas e vitimários de uma longa circunstância de marginalidade cultural, e se medimos a discriminação *romã* em relação aos de fora, passa a 70%, assim a convivência é impossível" (MUNARO, 2014, p. 1).

Como Nedich (2005) tenta equilibrar as situações no romance em análise, trazendo situações humorísticas para contrabalancear as denúncias, talvez se tornasse uma leitura pesada se ele incluísse mais este tema, uma vez que o livro já mostra maus-tratos em relação à mulher e ao grupo *rom*, a imoralidade política e tantas outras injustiças elencadas na história, dentre elas a forçada sedentarização dos *romã*, as quais sempre acabavam na queima dos acampamentos:

Em uma ocasião o eclesiástico do barbudo Papa francês Inocêncio VI disse que por escapar à obrigação do dízimo levaria todos os *rom* até as portas do inferno o mais rápido possível: cavaram uma cova enorme, pararam em frente a ela centenas de *rom* que, confusos, contemplavam como rugiam as chamas. Foram alinhados de cara ao fogo, primeiro os garotos, logo os pais e depois os avós. Uma a uma, as gerações foram empurradas nas chamas (NEDICH, 2005, p. 133, livre tradução).

São vários os relatos de pessoas que atearam fogo em *romã*, desde religiosos, autoridades policiais, até pessoas comuns. Fonseca conta (1996) que em Casin, na Transilvânia, em agosto de 1992, uma senhora chamada Horváth descreveu minuciosamente o ataque que fizeram aos *romã*. Em seu relato diz que os sinos da igreja local tocaram conclamando todos os moradores conforme planejaram junto ao padre da cidade, o qual fez longa prece antes de partirem para o acampamento *rom*. Ela narra que sabiam que a polícia não iria intervir. E realmente não o fez, deixando morrer inúmeros *romã*. Esse é um dentre tantos outros casos devidamente documentados por Fonseca (1996).

As denúncias de Nedich (2005) não se limitam a esse trecho. O autor mostra personagens traumatizados que esperavam "[...] incansavelmente que o informativo

mostrasse os reiterados incêndios que sofriam os *romà* e o nome das vítimas e, claro [...] dizendo que o governo não queria barracas na república [...]” (NEDICH, 2005, p. 157, livre tradução).

Talvez o intuito de Nedich (2005) ao selecionar esses fatos para narrar no romance seja o de rerepresentar os fatos pelo viés do *rom*, reconstruindo a história com os trechos que foram deformados pelos escritores não-*romà* com o objetivo de articular o passado e engendrar um vínculo entre o passado e o presente, de modo que ele seja retomado, avaliado e transformado, como Benjamim (1996) afirma. Sória (2015) concorda com o supracitado ao mencionar que o objetivo de Nedich (2005) poderia ser o de “expor a “outra face” do governo populista de Perón, que se mostrava defensor dos pobres e aliados das massas, mas que, de acordo com o relato, atuava de maneira desumana com os *romà*, protagonizando uma verdadeira tentativa de extermínio do povo e sua cultura” (SÓRIA, 2015, p. 250).

Dessa forma, Nedich (2005) exhibe os fatos da sedentarização na Argentina no governo de Perón e mostra aos leitores que as suas ordens nunca foram discutidas por nenhum argentino, que em sua maioria nem têm conhecimento de nada que se refira aos *romà*, devido a sua “invisibilidade”, cabendo aos escritores e estudiosos que se interessam pela causa *romà* a tarefa de registrar essa parte da história.

Ainda que o mundo de Nedich não seja mais o relatado no livro, ele mostra estar ligado sentimentalmente ao seu povo, pois se importa com o que é dito, escrito e definido para eles, mostrando em *El aliento negro de los romaníes* algumas das mudanças pelas quais os *romà* passaram, como a sedentarização e o contato com as novidades, como o rádio, que tanto influenciaram e influenciam a história dos *rom*, mudando suas vidas a cada dia.

Com a internacionalização das culturas, o mundo está sendo posto em comunicação e

[...] os elementos originalmente próprios de uma determinada cultura migram para outras com extrema rapidez, construindo o que o estudioso latino-americano García Canclini chama de ‘culturas híbridas’, isto é, quando elementos culturais de origens diversas interagem em um mesmo espaço cultural (BERND, 1994, p. 36).

Esses intensos contatos culturais, como o mostrado entre Petre, o protagonista do romance, e os não-romã, bem como entre os romã e o rádio, geram interdependências socioculturais, motivo pelo qual deveriam utilizar-se os diversos meios, como a literatura, por exemplo, para "o estabelecimento de canais que viabilizassem a criação ou a recriação de valores novos capazes de rearticular e de reequilibrar as relações entre 'tolerância' e 'diferença'" (BERND, 1994, p. 36).

Mas, na prática, constata-se que é mais fácil falar dos "direitos à diferença" do que vivenciá-los. Afinal, como seria a reação de uma pessoa ao ver um traseiro de galinha pendurado no pescoço de uma criança? Não se tem como saber se essa simpatia ainda é usada em algum grupo rom, como Totole, a mãe de Petre, sugeriu que ele fizesse com sua filha, que sofria de olhado.

Sua filha pequena era tão rom que vivia com olhado. Petre o comentou com sua mãe para que lhe encontrasse uma solução, porque sua esposa Maida não acertava com nenhum remédio. Então, Totole foi ao povoado e roubou uma galinha preta, voltando ao campo milagroso lhe torceu o pescoço, em seu lar a pelou, depois cortou o traseiro com uma lâmina de fazer a barba, passou-lhe um fio de algodão de fazer pacotes e o deu para que o usara de colar. Depois disse a sua neta: / - Te asseguro que com isto jamais voltarás a ter dor de cabeça, vais conseguir que os que te cravem os olhos desviem a vista em direção ao cu de galinha que te salvará da inveja e do olhado (NEDICH, 2005, p. 105, livre tradução).

O exemplo remete a Bernd (1994) ao lembrar o que Montaigne afirmava em relação aos costumes indígenas. Segundo Montaigne, o importante, nos casos em que os traços culturais do outro são muito diferentes, é relativizar, isto é, aceitar que determinadas práticas fazem sentido, tendo suas significações a depender do contexto em que são praticadas. Contudo, o próprio Montaigne não seguia o que defendia em seus escritos, revelando-se intolerante em variadas situações.

O que inicialmente parecia dar certo, o "direito à diferença", mostrou-se algo frágil porque "é uma concessão feita pela maioria a certas minorias, pelos dominantes aos dominados, desde que sejam salvaguardadas as relações

hierárquicas. O direito à diferença nunca chega à igualdade” (CHARLOT apud BERND, 1994, p. 41), e, para consegui-la, é preciso muita luta.

As diferentes formas de luta dos ativistas em prol dos *romã* conseguiram inegáveis vitórias, mas não foram/são suficientes para impedir a rejeição e a transformação dos *rom* em bodes expiatórios, sendo considerados fonte de problemas que assolam as sociedades, como a violência, por exemplo. Mas, para que isso aconteça, é primordial que seja desejado “pelos membros da comunidade como requisito primeiro para a plena recuperação da dignidade da condição humana” (BERND, 1994, p. 57).

Tais iniciativas levam muitos escritores *romã* a escreverem com o fito de fazer ouvir o seu povo, acompanhando as discussões de Spivak (1996), que acredita não ser possível falar pelo subalterno e sim criar espaços de legitimação nos quais ele possa se articular e ser escutado.

Nesse sentido, a escrita de Nedich em *El aliento negro de los romaníes* acaba tornando-se uma escrita política, pois segundo Deleuze e Guattari (2014), toda literatura de minoria termina por ter certa função revolucionária, quando inserida no contexto de literaturas estabelecidas. A partir dessa ideia, Nedich (2005) inicia o romance com um espanhol diferente da fala corrente dos argentinos. Talvez pensando como Conceição Evaristo (2005), a qual apregoa que a escrita é um lugar em que todos podem participar, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua, sendo um direito que todas as pessoas podem exercer. Pode ser também

[...] uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Guardadas as devidas proporções de história de vida e temas discutidos pelos dois autores, já que Conceição Evaristo parte de sua identificação como mulher negra, suas histórias são muito parecidas, ao pensar que ambos trabalham em maior ou menor grau com escrevivência, ou seja, uma escrita voltada para relatos

cotidianos das experiências vividas e pensadas, a fim de socializar conteúdos diversos, a depender da área em que se está inserido.

Por meio de ouvidos atentos e um caderno na mão, tanto a criadora quanto a “criatura” encontram meios para escrever em suas narrativas, e as histórias que veem, vivem e escutam tornam-se suas matérias-primas. Assim, conhecem o passado, compreendem o presente e modificam o futuro, escrevendo as histórias contadas pelos seus, a fim de que não se perca aquilo que a mente pode esquecer, a voz pode não transmitir e a História pode não registrar (FERREIRA, 2013, p. 47).

Assim, suas escritas tendem a refletir características que são perceptíveis apenas para eles que vivenciam e/ou vivenciaram determinados fatos que os demais, neste caso os não-romã, sequer atinam, pois não fazem parte de suas subjetividades. “A escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que o autor assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um “nós” compartilhado” (SOARES e MACHADO, 2017, p. 2).

Ao parafrasear Evaristo (2005), pode-se dizer que na escre(vivência) dos romã, Nedich encontra o desenho de novos perfis na literatura, tanto do ponto de vista do conteúdo, como da autoria. “Uma inovação literária que se dá profundamente marcada pelo lugar sociocultural em que” esses escritores se colocam para produzir suas escritas (EVARISTO, 2005, p. 54).

Da condição de rom nasce a inspiração para seus textos. Narrativas nas quais o corpo atuante é o do romã, que também foi nômade, vendeu objetos na Argentina e passou necessidades, como os sujeitos narrados – demarcando, dessa forma, um lugar para o povo romani no mundo, de indivíduos que também fizeram e fazem parte da história, ocupando a partir da escrita um lugar no contexto sócio-histórico-cultural.

É importante ressaltar que, ao escrever, Nedich (2005) quebra o silêncio imposto aos romã durante muito tempo, seja pela tradição oral de sua cultura, seja por recusar-se a deixar que apenas os gadjê contem quem são os romã. O autor fala de vivências e experiências que atravessaram o próprio corpo e de outros rom que, assim como ele, vivenciaram situações opressivas. Então, Nedich (2005) coloca no

papel histórias que ouvia desde a sua infância, nas rodas de conversa com seus pais e avós, as inúmeras vezes em que foram perseguidos e violentados, rompendo com os limites do discurso fascista e hegemônico das sociedades por onde passam/passavam.

No romance *El aliento negro de los romaníes*, Nedich apresenta uma narrativa carregada de tradições e vivências não somente suas, mas de uma coletividade *romã*, sem estar preso ao passado, e sim às lutas e anseios do seu povo, contribuindo na disseminação da cultura romani, de forma a criar um futuro melhor, sem esquecer de tudo que foi vivido e lutado por seus ancestrais, mostrando que os *romã* passam suas histórias através das narrativas orais dos mais velhos para os mais novos:

[...] Petre lembrou uma das lendas que seu avô lhe narrou quando era pequeno. Dizia o avô que os *rom*, ao saber que os sedentários tinham descoberto a escrita, tremeram entristecidos: com ela encontraram o elemento para transformar e reformar a consciência dos homens, tirá-la de si para depositá-la atrás de uma realidade falsa, que jamais contemplaria os homens, e no momento em que quisessem pegá-la, se partiria em três, em dez e esses homens jamais voltariam ao seu centro; obedeceriam ordens (NEDICH, 2005, p. 16, livre tradução).

Fica claro que Nedich se preocupa em mostrar essas características ancestrais dos *rom*, que fazem parte de sua cultura, como a contação de histórias que perpassam toda a existência de seu povo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, os *romã* precisam se unir em um movimento de romper com a hierarquia imposta até hoje. Não é só a luta pela sobrevivência dos *rom* o que está em jogo, mas também a língua, a cultura e a literatura. Sim, a literatura, pois é primordial que indivíduos pertencentes ao grupo falem a partir do seu lugar de opressão, do lugar de quem tem seus direitos restringidos por um sistema vigente que inviabiliza suas narrativas, como diria Benjamim (1994), pois "só uma visão

literária sobre o tema pode demolir ideias fortemente entrincheiradas” (SILVA, 2018, p. 102).

Silva (2018) defende que, ao culpabilizar a vítima, ocultam-se as verdadeiras causas estruturais da exclusão social e inculca-se nela um sentimento de frustração, fracasso e inferioridade, podendo inibir o seu potencial de reivindicação. Ouvir o *romà* permite uma interação entre linguagens, originando a construção de imaginários diferentes, questão importante no campo dos estudos literários, “que busca o estabelecimento de redes de relação entre literaturas, culturas e discursos” (SILVA, 2018, p. 81).

Vale a pena deixar claro que não se defende a ideia de que só o *romà* pode falar de si, porque cada um que escolhe falar, fala do seu lugar do discurso, a partir de suas experiências com os temas tratados, com todos os limites que cada espaço impõe. Assim, a proposta é buscar que as autoridades olhem para as ideologias sem dissociar o caráter humano que está imbricado nelas e as ouçam, pois “não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *outros*, enquanto esses *outros* permanecem silenciados” (KILOMBA apud RIBEIRO, 2017, p. 78, grifos da autora).

Então, a intenção é difundir a comunicação e a expressão dos e sobre os *romà*, procurando abarcar os diferentes grupos e entendê-los enquanto seres plurais, já que “a parte visível do ser é a social e econômica, por ocasião à parte invisível, que é a afetiva e cultural, objetiva, mas negligenciada pela sociedade, que depois vai sofrer as suas consequências na alteração de comportamentos pouco identificados com a cultura” (SILVA, 2018, p. 82) do lugar em que se encontram.

Após essas análises, foi possível perceber que Nedich apresenta histórias e conflitos que envolvem o estigma, mas também traz características mais firmes e seguras ao tornar visíveis “[...] a heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos em um mesmo grupo e até em um só sujeito, assim como os empréstimos e transações interculturais [...]” (CANCLINI, 1993, p. 44). Dessa forma, seus personagens têm uma cara diferente daquela que é costumeiramente pintada quando o tema está vinculado ao ser *rom*, possuindo uma fala característica ao lugar

em que se encontram e apresentando um cenário bem próximo da realidade *rom* na Argentina.

Dessa forma, Nedich apresenta seu povo de uma maneira desconhecida para o resto do mundo, mas ao mesmo tempo reconhecível para alguns *rom*, passando a assumir para os não-*romà* o lugar de cronista, e para os *romà*, o lugar do contador das *pobiastes* (lendas), nas quais sempre aparecem tanto o lado mágico quanto o real das histórias vividas. Portanto, Nedich retrata a história dos *rom* mostrando algumas das adaptações que foram ocorrendo às culturas dos lugares de chegada das caravanas, moldando-se às variadas influências externas e internas ao assimilarem inúmeros elementos, mas, ao mesmo tempo, permanecendo diferentes das sociedades que os rodeavam/rodeiam.

Sua narrativa, embora não ofereça uma representação perfeitamente delineada do que é ser *romà* nos dias de hoje, contribui significativamente no tocante à visibilidade do povo e propõe uma alternativa identitária em um espaço múltiplo e em construção permanente, desprendendo-os de uma identidade rígida e mostrando seus trânsitos constantes, representando o *rom* como um ser movente, imerso em uma temporalidade que se contrai e distende, de modo a contar sua história desde um viés crítico, tentando reconstruir a história ao descrever os espaços de trocas, constantemente reinventados em cada vida em particular, ratificando que não há um modo de ser *rom*, mas muitos. O que permite, “que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de conhecimento” (BHABHA, 1998, p. 165).

A prática social institucionalizada, norteada por certos valores e procedimentos, expectativas e modelos de comportamento, não parece estar funcionando até agora para todos, já que resolve apenas problemas de alguns grupos sociais e econômicos. Sendo assim, sugere-se uma mudança neste cenário a partir de várias frentes, como a educação literária, por exemplo, a qual, se devidamente planejada, poderia ajudar na inclusão dos *romà* na sociedade, enquanto pessoas com valores literários e culturais, integrando crenças e indivíduos. No sentido de serem vistos apenas como um povo com traços culturais diferentes, que defendem sua alteridade. Dessa forma, poderia haver uma reinterpretação dos

sentidos que fundamentam a noção de cultura como um movimento, “que pode servir para não desintegrar a identidade com a sua origem” (SILVA, 2018, p. 86).

Ao pensar na literatura *romã*, abre-se a chave também para veiculá-la nas salas de aula, porque é nesses espaços que é possível resgatar valores pela sensibilidade de cada leitor, seja ele *rom* ou não, pois conhecer as diversas culturas é imprescindível para a comunicação e a reflexão social, de modo a mostrar realidades que implicam em outras formas de abordagem, as quais podem desencadear uma reestruturação do interior dos indivíduos. Dessa maneira, poderiam tornar-se seres mais conscientes, que iriam além do julgamento da obra de arte literária, “tornando-os mais aptos a julgar os nossos próprios valores, em primeiro lugar. [...] [capazes] de não julgar apenas o gosto pelo texto literário [...], mas também [...] [capazes] de dizer abertamente que a sensibilidade do leitor (quem quer que seja) perante o texto é o meio relativo dos julgamentos” (CEIA apud SILVA, 2018, p. 86).

Essa medida, se começada por cada professor que conhece a literatura *romã*, pode ajudar na confecção de um capítulo futuro, de outro estudo que, como este, trate das representações *rom* na literatura, sem precisar enfatizar tanto o caráter subalterno que tiveram até agora em 2021, pois a literatura é a reescritura constante de textos anteriores com o olhar do presente, calcada na dialética das construções discursivas em um movimento hermenêutico.

Essa postura poderia ressignificar o imaginário coletivo pela arte de ler, interpretar, analisar e escrever, preenchendo a lacuna deixada pela história sobre o povo *rom*, já que foi por meio do literário que se construíram muitos dos estereótipos existentes até hoje, os quais interferem direta ou indiretamente em suas vidas. Essa também foi uma discussão inacabada, a qual pode ser retomada em algum momento, com propostas de cursos de extensão e/ou ajustes nos materiais já trabalhados hoje em sala de aula.

Portanto, acredita-se que há uma subversão na escrita de Nedich (2005), por construir personagens *rom*, pautando toda uma narrativa em elementos mais ou menos próximos da realidade, mas que repercute nas relações sociais entre *romã* e não-*romã*. Pode-se ver Petre como um ser transculturador, nas palavras de Yukari (2013), pois com a sua ideia da água milagrosa, acaba levando várias pessoas, com

características culturais totalmente diferentes entre si, para o Campo Milagroso, fazendo o povoado prosperar ao atrair visitantes e turistas por conta do negócio empreendido por ele.

Essa problemática, que influencia diretamente na formação identitária dos *rom* que permanecem em Campo Milagroso, intervém em sua constituição cultural, pois “a cultura não é apenas uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2006, p. 43), colaborando assim para a formação das alternativas sociais, que são naturalmente híbridas, uma vez que “toda cultura é resultado de intercâmbios e mesclas bem-sucedidas” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 22).

Tais considerações remetem ao que Fernando Ortiz (1987) chama de transculturação, fenômeno que consiste na criação de uma nova cultura a partir das modificações que as culturas sofrem ao estarem em contato, neste caso dos *romã* e não-*romã*. Ou seja, as culturas dos dois povos se alteram em algum nível, passando por adaptações. Nedich (2005) mostra essa mescla ao relacionar sua produção literária com os dois contextos, narrando de um modo em que o imaginário se confunde com a realidade e se encontra configurado em uma rede de relações, inclusive com sua própria história.

Há também no romance o direito de memória, que é resgatada por meio da narração oral dos diversos *rom* ao longo da trama, denunciando e resgatando todo um passado *romã* de silenciamento, colocando essa cultura, considerada subalterna, em evidência, a partir das *pobiastes* e conversas entre os personagens, mostrando como a memória construída pela história oficial pode e deve ser questionada, fragmentando várias das abordagens cristãs preconizadas ao longo dos tempos – dando, dessa forma, a chance de apontar outras versões e construir um futuro diferente.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Lei nº10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1. Brasília, DF, ano 139, n. 8, 2002.

BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BERND. Zilá. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994.

CANCLINI, Nestor; PICCINI, Mabel. Culturas de la ciudad de México: Símbolos colectivos y usos del espacio urbano. In.: CANCLINI, Nestor (Org.). *El consumo cultural en México*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las artes. Seminario de estudios de la cultura, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autentica, 2014

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

FERREIRA, Amanda C. *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira*. Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-95BHKT/1/disserta_o_amanda_crispim_ferreira.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. *O associativismo transnacional cigano: identidades, diásporas e territórios*. São Paulo: USP, 2012. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

HALL, Stuart. *Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução de Lyslei do Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LÓPEZ OCÓN, Mónica. Nedich: "Los gitanos aún no somos sujetos de derecho". In: *Periódico tiempo argentino*, Argentina, 15 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.tiempoar.com.ar/nota/jorge-nedich-los-gitanos-aun-no-somos-sujetos-de-derecho>>. Acesso em: 13 set. 2019.

MUNARO, Augusto. Jorge Nedich: "Los gitanos somos víctimas y victimarios". In: *Periódico Los Andes*, Argentina. 1 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.losandes.com.ar/article/jorge-nedich-los-gitanos-somos-victimas-y-victimarios>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

NEDICH, Jorge. *El aliento negro de los romaníes*. 1. ed. Buenos Aires: Planeta, 2005.

ORTEGA, Antonio. *La zúa*. 2. ed. Sevilla: Ediciones en Huida. Colección El Refugio, 2015.

ORTIZ, F. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar (Advertencia de sus contrastes agrarios, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación). Prólogo e cronologia Julio Le Riverend, introdução Bronislaw Malinoski. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Histórias de flamenco e outras cenas ciganas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Vira e mexe, nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Teresa. *Fenómeno Migratório: Um olhar sobre a transversalidade*. Lisboa: Edições Colibri, 2018.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SORIA, Ana Paula Castello Branco. "Juncos ao vento": literatura e identidade romani (cigana): El alma de los parias, de Jorge Nedich. 2015. 331 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.amsk.org.br/estudosepesquisa.html>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The Spivak Reader*. New York: Routledge, 1996.

YUKARI. Fátima. Macondo, Melquíades e o problema da transculturação. 113f. Dissertação. (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11857/1/FatimaYukari.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

¹ Lorena Oliveira Tavares. Professora auxiliar do Curso de Letras / Licenciatura em Língua Espanhola e Literaturas da UNEB, DCHI. Graduação: Licenciatura em Letras com Língua Espanhola e Língua Portuguesa com suas respectivas Literaturas (UEFS-2005). Possui Pós-Graduação: Especialização em Neuropsicologia (IBPEX-2006); Especialização em Língua Espanhola (UEFS-2008); Mestre em Educação (UNIEUBRA-2015); Especialização em Ciências da Educação (FERA-2016); Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB-2021). E-mail: loren.tavares@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8123-7402>

² Atualmente, por uma simples pesquisa na *internet* pode-se observar as vastas expressões de “ciganofobia” em todo o mundo. Dentro do que é entendido por genocídio inclui-se a esterilização forçada e a retirada de crianças sem o consentimento dos pais. Evidências de que esses fatos violentos subsistem no século XXI são encontradas em diversos meios. Por exemplo, a esterilização das mulheres foi praticada por países como a República Checa, Eslováquia e Hungria até 2001. (Cf. NEDICH, Jorge. “De Hungría a Suecia, denuncias de esterilización forzada a mujeres gitanas” en *I Tchathipen*, n. 72, p. 19). A retirada violenta de crianças dos seus pais, relatada pela escritora yeniche suíça Mariella Mehr em *Steinzelt* (Idade da pedra) (1981), sobre sua própria experiência, ainda ocorre. Recentemente em 2015, a Unión Romani denuncia que uma recém-nascida foi retirada de sua mãe no Hospital Sant Joan de Deu em Barcelona, sob falsas alegações e levada a instituições que cuidam de menores em situação de risco. (Cf. <http://www.unionromani.org>/Acessado em 30.03.2015) (SÓRIA, 2015, p. 261).

³ “Todavía no somos sujetos de derechos” (LÓPEZ OCÓN, 2018, *Periódico Tiempo Argentino*. Disponível em: <<https://www.tiempoar.com.ar/nota/jorge-nedich-los-gitanos-aun-no-somos-sujetos-de-derecho>>).